

Apresentação

Literatura cósmica

No nosso mundo cabem muitos mundos. Por esse motivo, abrindo esta publicação a perspectivas distintas, convidamos o Professor Doutor Moysés Pinto Neto para elaborar a chamada do presente número de *Landa*.

A seguir, citamos a chamada elaborada por Moysés:

1 A literatura, para as lentes modernas, é um dos bastiões que delimita as esferas que a dividem entre natureza e cultura. Segundo a partição moderna, haveria um lado invariável – a necessidade, as leis, a determinação, o físico – e outro variável – a contingência, a ficção, os acontecimentos e o psíquico. Em muitas áreas, podem existir zonas fronteiriças. No caso da literatura, supostamente não há dúvida: nada define melhor o sentido de “humanidades” que o fazer literário e suas “representações”.

Por outro lado, a divisão mostra-se cada vez mais desgastada em função da intrusão de Gaia – ou o Antropoceno – e suas perturbações em torno aos limites que separavam “natural”, “cultural” e “artificial”. Ao mesmo tempo em que há uma erosão das fronteiras que separavam as *hard sciences* das humanidades, cada vez mais caminhando em uma direção transdisciplinar para pensar os problemas ecológicos, a consciência de que o arranjo moderno também tinha como seu fundamento o poder colonial retoma o interesse por outros arranjos cósmicos. Novos espaços pensados a partir de matrizes como a indígena – como a recepção atual de obras de Aílton Krenak, Denilson Baniwa, Davi Kopenawa, Daniel Munduruku, Silvia Rivera Cusicanqui ou Gliceria Tupinambá, entre outros –, as variações africanistas – como a afrocentricidade, o afrofuturismo, o quilombismo, a condição afrodiáspórica, o “pensar Nagô”, a filosofia das encruzilhadas –, ou ainda os múltiplos feminismos e filosofias *queer* – como nos novos materialismos, no xenofeminismo, no ecofeminismo ou no feminismo dos comuns – são algumas das perspectivas que desafiam o cosmos moderno e quiçá suas formas mais ancestrais. Em um mundo sem um eixo eurocentrado, reverberam os

cosmos chineses, japoneses, coreanos, árabes, nigerianos, egípcios, guaranis, dos povos aborígenes, entre tantos outros.

Que literatura emerge – ou reemerge – a partir do momento em que as questões cósmicas são recolocadas em jogo? Qual o estatuto discursivo – ou ontológico – que o literário ocupa nesse multiverso não regido pelas lógicas duais (real x imaginário, verdade x ficção, público x privado, interior x exterior, humano x animal)? Como pensar as obras que atravessam o binômio natureza/cultura e recolocam o problema no nível cósmico, habitadas inclusive por seres não-humanos como animais, plantas, espíritos, androides, montanhas, fungos, vermes, elementos, astros, deuses? Que outros mundos – humanos, não-humanos, espirituais, siderais, digitais – são esses em um multiverso em que, como dizem os zapatistas, cabem muitos mundos?

Em resposta a essa chamada, recebemos contribuições de pesquisadores de cinco universidades, nacionais e internacionais, sobre cuja relevância gostaríamos de apresentar as breves palavras que seguem.

2

Em “Para além das lógicas duais: uma vida singular em *Paraísos*, de Iosi Havilio”, Ana Carolina Macena destaca o modo como vidas singulares, nessa obra, atingem um plano de afetações disseminadas em imanência, com o que se excreve a experiência dos corpos em horizonte marginal e pós-humano. Guilherme Diehl de Azevedo, por sua vez, propõe em “Da decolonialidade do ler à decolonialidade do ser”, uma superação da desconstrução na perspectiva de uma hermenêutica pluritópica decolonial.

Maryllu de Oliveira Caixeta, em “Estórias para transcender, liberar”, e através de uma reflexão aisthética, metafísica e política, lê Mia Couto e João Guimarães Rosa como tradutores de mundos no âmbito do apagamento do multilinguismo em escala global. Já Matheus Ferreira, em “Cosmopolítica antropofágica”, pensa a passagem da cidade letrada à uma política cósmica derivada das operações de devoração das exterioridades operadas pela vanguarda brasileira.

Encerrando os artigos da chamada aberta, Benjamín Alías elabora uma releitura de *El río oscuro* (1943) de Alfredo Varela, a partir de uma perspectiva de materialismo crítico-ambiental que examina o mundo do mensú e do Alto Paraná.

O nosso Dossiê “O Brasil não é longe daqui: comunidades sensíveis entre Argentina y Brasil”, com organização de María Florencia Donadi, recolhe alguns dos textos apresentados nas Jornadas Inaugurais da Cátedra Libre de Cultura Brasileña (CLCB) da Universidad Nacional de Córdoba. A partir da sugestão do seu título, tomado do livro de Flora Sussekind, *O Brasil não é longe daqui* (1990), os textos do dossiê – assinados por Raul Antelo, Mario Cámara, Alexandra Maia Teixeira, Graciela Ferraris, María Florencia Antequera, Julieta Kabalin Campos, Byron Vélez Escallón, Nancy Calomarde, María Florencia Donadi, Melania Estevez Ballesteros, Gabriela Cornet, e com uma breve exposição de obras da artista Silvana Montecchiesi (que também nos cedeu amavelmente as imagens que compõem as capas desta edição) – apresentam nuances distintas do interesse da Argentina pelo Brasil e viceversa, interesse não no sentido das derivas do capital, mas pelo ser e estar entre: *inter-esse*: entre línguas, entre culturas, entre comunidades, entre afetos e sensibilidades.

3

A seção “Olhares” traz “Dois cães”, conto da escritora uruguaia Rosario Lázaro Igoa publicado na surpreendente coletânea *Peces mudos* (2016), em tradução de Ana Paula Cabrera e Byron Vélez Escallón. Também contamos com a contribuição do poeta, editor e pesquisador Dennis Radünz, que em seu ensaio “Transmodernidades” elabora alguns cenários e reflexões sobre a vívida vida ética e estética de alguns dos povos e sujeitos sobreviventes ao projeto de morte da modernidade ocidental. Fechando a seção, a artista e pensadora Cecilia Cavaliere, em “Da estrela ao grão: pistas para a elaboração de algumas Fabulações Contranegacionistas em torno dos leites maternos”, nos entrega um ensaio, que se insere na virada Antropocênica do campo das artes, e que tenciona construir um léxico conceitual-visual a partir do “totem leite”.

Encerrando o número, em “Por una crítica de la razón decolonial”, Tiago Hermano Breunig entrevista o importantíssimo filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez. A entrevista, acontecida em junho de 2024, em Bogotá, aborda assuntos afins com a temática da nossa chamada, e polemicamente, como é característico do filósofo Castro-Gómez, se debruça sobre a decolonialidade, suas origens, seus avatares, contradições e aporias

históricas, desde os tempos da rede Modernidad/Colonialidad até os abyayalismos e antropocenismos contemporâneos.

Tomamos palavras de Castro-Gómez para celebrar as distintas contribuições que compõem este número, dedicado às literaturas cósmicas: “es necesario avanzar en una reescritura de la ciencia, la política, el arte, el derecho, etc., desde una perspectiva transmoderna, visibilizando las contribuciones hechas a estos campos por los pueblos colonizados por Europa”.

A equipe editorial